

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS-IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

AGOSTINHO DA SILVA

**NEGRITUDE E CIVILIZAÇÃO DO UNIVERSAL: CRÍTICA AO
UNIVERSALISMO EUROPEU A PARTIR DOS PENSAMENTOS DE
LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR E DE AIMÉ CÉSAIRE**

São Francisco do Conde

2016

AGOSTINHO DA SILVA

**NEGRITUDE E CIVILIZAÇÃO DO UNIVERSAL: CRÍTICA AO
UNIVERSALISMO EUROPEU A PARTIR DOS PENSAMENTOS DE
LÉOPOLD SEDAR SENGHOR E DE AIMÉ CÉSAIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso que será apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Cléber Daniel Lambert da Silva.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S578n

Silva, Agostinho da.

Negritude e civilização do universal : crítica ao universalismo europeu a partir dos pensamentos de Léopold Sédar Senghor e de Aimé Césaire / Agostinho da Silva. - 2016. 43 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Daniel Lambert da Silva.

1. Cidadania universal. 2. Civilização - Filosofia - Europa. 3. Negritude - Identidade racial. I. Césaire, Aimé - Crítica e interpretação. II. Senghor, Léopold Sédar - Crítica e interpretação. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 199.6

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693|

Trabalho apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

A Banca Examinadora

Prof. Orientador Dr. Cléber Daniel Lambert da Silva (UNILAB).

Prof. Dr. Bas'ilele Malomalo (UNILAB).

Prof^a. Dr^a. Thais Joi Martins (UFRB).

São Francisco do Conde aos 28 Dias do mês de novembro de 2016

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que sempre me apoiaram em especial a minha mãe Aída da Silva, ao meu irmão Shéu Mané e a minha filha Leonora da Silva. Aos amigos e amigas que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho, em especial aos amigos do grupo de pesquisa ***Geofilosofia***. Enfim, não existe nada melhor do que aplicar um pouco dos conhecimentos que adquirimos para construção de uma sociedade melhor e menos injusta.

Agradecimento

Primeiramente agradeço especialmente o meu orientador Dr. Cléber Daniel Lambert da Silva, pela colaboração, paciência e compreensão. Em segundo lugar agradeço todos àqueles que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho e para minha formação acadêmica. Obrigado amigo Danilson Ivandro Gonçalves da Veiga pelo auxílio no decorrer do trabalho.

Resumo: O presente trabalho traz uma análise do conceito da *civilização do universal* e uma crítica ao universalismo europeu. Para tanto, baseia-se principalmente no pensamento do senegalês Léopold Sedar Senghor e do martinicano Aimé Césaire, dois grandes pensadores do movimento da Negritude. Tais considerações levaram a concluir que as reflexões de Senghor e Césaire sobre o mundo e suas críticas a ideia do universalismo europeu imposto como modelo desejável por todas as nações e sociedades, abre caminhos através da *civilização do universal* para alcançar um novo humanismo que seria uma civilização verdadeiramente universal composta pela contribuição de toda humanidade. Ademais se constatou que a *civilização do dar e receber* como sugere Senghor na base de troca mútua de valores, é uma possibilidade de formação de um mundo menos injusto, ultrapassando o universal europeu, sustentado na crença de existências de raças inferiores e raças superiores, abrindo assim caminho para o novo humanismo onde todos os humanos permanecem apenas como humanos, ultrapassando de certa forma as crenças de existências de raças. A partir das investigações, reflete-se também sobre a falsa construção ideológica do negro e da raça e as consequências do colonialismo na formação identitária dos Negros, trazendo a noção da *civilização do Universal*, como possibilidade de alcançar uma universal por além do universalismo europeu, ou seja, um novo humanismo.

Palavras-chave: Negritude. Civilização. Cultura.

Abstract: The present work brings one analyzes from the concept of the civilization of the universal and a critic to the European universalism. For so much, he/she bases mainly on the thought of the senegalês Léopold Sedar Senghor and of the martinicano Aimé Césaire two great thinkers of the movement of the Blackness. Such considerations took to end that the reflections of Senghor and of Césaire on the world and yours criticize á false idea of the universalism European tax as desirable model for all of the nations and societies, he/she makes ways through the civilization of the universalpara to reach a new humanism that would be a civilization truly universal composed by all humanity's contribution. Ademias was verified quea civilization of giving and of receiving how he/she suggests Senghor in the base of mutual change of values, it is a possibility of formation of a less unjust world, crossing universaleuropeu, sustained in the faith of existences of inferior races and superior races, making like this way for the a new one universal where all of the men just stay as humans among humans crossing existences of races. Starting from the investigations, he/she also thinks about the Black's false ideological construction and of the race and consequences of the colonialism in the formation identitária of the Blacks, bringing with notion of the civilization of the Universal a possibility to reach an universal one for besides the European universalism, be a new humanism.

Keywords: Blackness. Civilization. Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CAPÍTULO I- ASPECTOS DO PENSAMENTO OCIDENTAL SOBRE ÁFRICA.....	10
1.1 O mito da assimilação como meio de salvação para os negros.....	13
1.2 Conceito da raça e seus impactos na construção identitária donegros.....	16
1.3 Importância para os negros na diáspora de desapropriar e resignificar o conceito de raça e o significado de ser negro.....	20
2. CAPÍTULO II- CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO DA NEGRITUDE.....	24
2.1 Objetivos do movimento da Negritude e suas importâncias na construção identitária dos negros.....	28
3. CAPÍTULO III- CULTURA, NEGRITUDE E CIVILIZAÇÃO DO UNIVERSAL: PARA ALÉM DO UNIVERSALISMO EUROPEU.....	30
3.1 Conceito de civilização do universal.....	32
3.2 Universal como movimento: para além do universalismo europeu.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
5. REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma investigação introdutória ao conceito de *Civilização do Universal* de L. S. Senghor e suas relações com o movimento da negritude. O seu objetivo é trazer as contribuições do conceito de *civilização do universal* para formação de um mundo de troca mútua de valores na perspectiva de alcançar um novo humanismo. No entanto abordamos diferentes aspectos do pensamento do Senghor e do Césaire dentro do movimento da Negritude, ao mesmo tempo privilegiando um entre os seus diferentes aspectos, a saber: aquele que diz respeito às críticas feitas ao referido conceito, realçando aspectos importantes que permitem compreender esse conceito na atualidade para além dessas críticas, pressupondo compreender a Negritude como movimento conforme veremos a partir das seguintes leituras.

Portanto, elaboraremos uma crítica a desconstrução do universalismo europeu para compreender a formação ideológica do conceito da raça e do significado do ser negro com a noção de Negritude. Ademais, trata-se de evidenciar de que maneira esses pensadores lançam mão deste conceito para elaborar uma *crítica ao universalismo europeu*, apresentando alguns dos seus dilemas e contradições a partir do movimento da Negritude na luta pela libertação dos povos africanos e em diáspora. Léopold Sedar Senghor, Aimé Césaire, entre outros, tinham como objetivo pensar o lugar da cultura negra em uma nova ordem mundial, ou seja, libertá-lo da colonização.

Para compreender e desconstruir o universalismo europeu e resgatar um novo humanismo pretende-se teoricamente abordar algumas concepções relevantes que existem na literatura sobre o tema referente à Negritude, como também buscaremos entender como essa narrativa teórica política foi construída ao longo da história. Sabendo que é preciso compreender tais conceitos a partir das suas diversidades do momento, num período de tempo dentro de um contexto histórico. É a partir do entendimento e do reconhecimento do passado que o negro irá se reencontrar num mundo negado que lhe permita olhar o mundo com outras visões, recusando as pretensões ocidentais de serem absolutas universais buscando meios para construção de uma *civilização do universal*.

1. CAPÍTULO I- ASPECTOS DO PENSAMENTO OCIDENTAL SOBRE ÁFRICA.

O homem é um animal histórico, o homem africano não escapa a esta definição, como em toda parte, ele faz sua história e tem uma concepção dessa história. No plano dos fatos, as obras e as provas de sua capacidade criativa estão ai sob nossos olhos, em formas de práticas agrárias, receitas de cozinha, medicamentos dos direitos consuetudinários, organizações políticas, produções artísticas, celebrações religiosas e refinados códigos de etiqueta. Desde o aparecimento dos primeiros homens, os africanos criaram ao longo de milênios uma sociedade autônoma, que unicamente pela sua vitalidade é testemunha do gênio histórico de seus autores (HAMA & KI-ZERBO, 2010, p. 23).

A colonização europeia criou um ser negro e uma “imagem” da África que até hoje o mundo negro não se livrará por completo, de hoje já foram vários anos após o primeiro encontro entre europeus e africanos. Apesar de que não poderemos culpar todos os brancos pela escravidão, sabemos que muitos deles ainda colhem seus frutos e a grande maioria deles nem tem consciência disso, pois é resultado de uma longa história coberta de grandes “mistérios”, assim como muitos negros carregam suas feridas incicatrizáveis.

As imagens negativas que se tem da África e dos negros em geral, nunca poderão ser entendidas de uma forma lógica se desligadas da escravidão, ou seja, das grandes “falsidades” criadas durante esse encontro, que teve seu início nos meados dos séculos XV, na Costa da África. Porém, se pensarmos na primeira tentativa branca de caracterizar o ser negro através dos discursos elaborados, é fácil entendermos que há uma visão pretenciosa dos europeus em relação aos africanos, baseados nas explicações ditas “científicas” e discursos infundados para legitimar a escravidão, o mundo europeu construiu um ser “Negro” e uma África que precisa ser desconstruída.

Partindo em certas concepções, “povos primitivos, animais, povos selvagens, sem cultura e bárbaros”, as sociedades africanas e outras passavam por sociedades sem história pela sociedade ocidental. Por conseguinte, os europeus achavam que tinham por direito como povos “civilizados” civilizar outros povos. Provindo dessa mentalidade, as sociedades europeias estavam convencidas de que podiam prevalecer sobre todas as sociedades, suas histórias e valores culturais eram os que constituíam a chave de todo conhecimento, e as histórias dos “outros” povos não tinham nenhuma importância.

No prefácio do livro *História Geral da África* primeira editora M. Amadou Mahtar M'bow afirma que apesar dos trabalhos importantes realizados desde as primeiras décadas do século XX sobre África pelos pioneiros como Leo Frobenius, Maurice Delafosse e Arturo Labriola, grandes especialistas não africanos que sustentavam que as sociedades africanas não podiam ser consideradas objetos de estudo científico por falta dos documentos escritos, mas podiam servir como fontes importantes da história da Grécia antiga (...), além disso, Mbow (2010) salienta que:

Ao escrever história da maior parte da África, os mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo real história da África, os europeus pegavam cultura ocidental (Medieval) como referência colocando à Europa no centro, ignorando a tradição oral africana oferecendo uma visão não do que poderia ser o percurso dos povos africanos, mas daquilo que se pensava que ele deveria ser. (“N’BOW, 2010: XXI-XXII”).

Com base na afirmação de Nbow, entende-se que para compreender a verdadeira história da África, em primeiro lugar, é preciso colocar a África e os povos africanos como sujeitos das suas próprias histórias, saber diferenciar história colonial da história da África, entender de uma forma mais profunda as diversidades étnicas e culturais africanas, em seguida rejeitar os preconceitos criados sobre as sociedades africanas durante a colonização, iniciando olhar para África *desde si e a partir de si*, dialogando com mundos não africanos, reconhecendo que não faz sentido produzir do *Eu* para *outro*, porque só dá para produzir desde si, a partir de um lugar dialogando com o “outro”.

Olhar para África desde si e a partir de si, seria como afirma Barbosa (2012), com base no pensamento de Ki-Zerbo que a história da África deveria ser vista como uma história a partir do polo africano, fazer uma história desde si, ou seja, a partir do lugar, significa realizar uma história com consciência de si mesma, em favor da formação de uma personalidade coletiva autônoma. Ao dizer isto, vale salientar que não significa que a história da África devia, por exemplo, abolir as realidades históricas das relações da África com outros continentes. Para o autor, as ligações da África com outros continentes deveriam ser analisadas destacando-se influências de ambas as partes, mas nas quais as contribuições de valor positivo da África para humanidade seriam postas em relevâncias.

No ponto de vista de Ki-Zerbo, reescrever história da África desde “polo africano”, não seria uma história isolada das outras civilizações, mas uma história que contribuiria de certa forma para compreender a verdadeira história desse continente, depois de séculos de visões deturpadas e preconceituosas, livrando-a das concepções universalistas europeias.

Como é sabido, durante séculos de colonização nos foi dito (africanos, índios etc..) e ensinado em plena escuridão que pelas razões “científicas” somos naturalmente inferiores aos brancos, porque nossas tradições se baseiam nas oralidades e nos mitos. Ouvimos também em vozes altas de que por sermos uma sociedade sem escrita não tínhamos nada de bom para contribuir para humanidade. Reescrever as nossas histórias mostrando para todo mundo que temos boas contribuições para dar e não só para receber. Para isso acontecer, devemos falar por todo mundo das importâncias das nossas culturas, mas em primeiro lugar precisamos ainda deixar bem claro que nossos objetivos não são de entrar em intrigas com ninguém e muito menos excluir. Sabemos que na tradição ocidental foi estabelecido rigorosamente que onde não há escrita, não há cultura. Precisamos de uma forma aberta e clara, por meio do diálogo, como sugere o poeta senegalês Leopold Sédar Senghor pela “*Civilização do Universal*”, uma civilização *do dar e receber*, fazer com que o mundo ocidental entenda e reconheça valores das nossas civilizações.

O fato de não possuir uma escrita não priva a África de ter um passado e um conhecimento (...), a escrita é uma coisa e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si. O saber é uma luz que está no homem. É a herança de tudo o que nossos ancestrais puderam conhecer e que nos transmitiram em germe, exatamente como o baobá, que já está contido em potência em sua semente (AMADOU HAMPÂTÉ-BA, 1997, p.1, tradução de Daniela Moreau).

Antes da colonização, grande parte das civilizações africanas eram civilizações da palavra falada, poucas pessoas sabiam ler e escrever, por esse motivo, a escrita ficava fora do primeiro plano em relação aos problemas importantes das sociedades. O poder da palavra juntava e separava as pessoas, as falas eram reconhecidas não apenas como um meio de comunicação diária. Ela servia como meio de preservação das sabedorias dos antepassados, nesse sentido, as palavras tinham poderes essenciais nas sociedades, porque “comprometiam o homem, a palavra era o homem nas civilizações orais. Já na tradição ocidental moderna a escrita substituiu a palavra, e ele compromete o homem” (HAMPÂTÉ-BA, 1997). Porém, em nossos dias, as duas formas de preservação e transmissão dos conhecimentos, seja, pela oralidade, assim como pela escrita, as duas são válidas e cada uma é muito importante para o aprendizado e o desenvolvimento social. Ambas podem contribuir para a humanidade, devido a isso podemos afirmar que as sociedades ocidentais perderam muito com as sociedades tradicionais africanas, devido à ruptura com os conhecimentos dos sábios.

O mestre da tradição oral, Amadou Hampâté-Ba (1997), salienta que o conhecimento africano é um conhecimento imenso, ou seja, é um conhecimento sem limites devido a sua grandeza com relação a todo aspecto da vida. O sábio não é um “especialista”, mas sim um “generalista”. Ele tem conhecimentos em diversos assuntos, por exemplo, em “farmacopeia”, em “ciência das terras”¹ – “propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de terra”. Segundo Amadou, estes saberes concretos dão lugar à utilização prática, que começa com seres e coisas menos animadas e até chegar ao homem. É a aplicação destes conhecimentos na vida prática que faz do homem um ser superior na escala dos seres vivos.

1.1. O mito assimilação como meio de salvação para os negros

Em meados século XV, quando os primeiros europeus chegaram às costas africanas, a maior parte dos estados africanos já tinha alcançado um nível muito alto da organização política. As monarquias eram constituídas por um conselho popular, no qual as diferentes camadas sócias eram representadas, portanto, a ordem moral e social equivalia á política. O desenvolvimento técnico, junto com tecnologias da guerra era pouco desenvolvido e pode ser esclarecida pelas condições ecológicas, socioeconômicas e históricas da referida época, não biologicamente como pretendiam alguns falsos cientistas (MUNANGA, 2012 p. 23).

Ainda estendendo mais o seu raciocínio sobre a problemática da invasão dos europeus ao continente africano no século XV, ele salienta:

No século XV a América foi descoberta, a valorização de suas terras exigia mão de obra barata. A África sem defesa como [já referido acima] devida poucos avanços tecnológicas, com uma indústria de guerra menos evoluída em relação aos europeus, a África surgiu como reservatório humano adequado com mínimos gastos. O comercio de escravo tornou-se uma necessidade econômica antes da aparição da maquina, ou seja, antes da (Revolução Industrial) essa nova necessidade estendeu-se a um novo plano social o [que antropólogo chamou de] o ‘binômio’ (relação entre senhores e escravizados), (MUNANGA, 2012, p. 23).

Devido a todos esses fatores acima mencionados, entende-se que o importante aqui é saber o que é a colonização e qual o sentido que a colonização assumiu posteriormente nas diferentes zonas para esclarecer a complexidade da formação social, econômica e política dos territórios submetidos a esse violento processo. Por isso, vamos entender qual era o verdadeiro sentido da colonização na sua fase inicial.

¹HAMPATÊ-BA (1997).

Segundo o historiador Caio Prado Júnior, no primeiro momento o colonizador tinha como principal motivação a propagação do comércio e a ideia de ocupar através de povoamento efetivo, ou seja, de formar no território descoberto uma sociedade igual com a europeia caracterizou a colonização das regiões temperadas da América do Norte. Os “colonos destas zonas pretendiam constituir um novo mundo, uma sociedade que lhes ofereceriam garantias que no continente de origem já não lhes são mais dados” segundo autor, o povoamento dos trópicos pelos europeus e os grandes desejos de exploração dos recursos naturais dessas regiões foi crucial não apenas por ter marcado a presença dos europeus nos trópicos, mas, principalmente por ter definido de certa forma as “caraterísticas da estrutura econômica, sociocultural e política que se desenvolveu ao longo dos séculos nesses territórios”, a presença desse espírito de exploração é, portanto, “o que explica o verdadeiro sentido da colonização” (PRADO JÚNIOR, apud. VILLEN, 2013, pp. 48-49).

Enquanto isso percebe-se que estamos perante um problema: “o grande desejo de exploração dos recursos em novos territórios descobertos”. Mas qual era o único meio possível para resolver tais problemas na ausência de máquinas? Segundo Caio Prado, a força de trabalho dos nativos e a importação dos negros africanos eram o único meio possível de exploração desses territórios e por esse motivo, segundo ele, a colonização seria marcada pela divisão do trabalho entre o colono branco europeu dirigente e grande proprietário rural e a do trabalho dos ditos raças inferiores que eram os índios e africanos importados.

Os europeus convictos de um ideal de superioridade racial tinham grande desprezo pelo mundo dos negros, apesar da riqueza que exploravam desse mundo, a ignorância e os preconceitos de toda espécie esconderam o passado e a história real dos negros. “O negro torna-se sinônimo de ser primitivo adotado de uma mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 2012). Para os europeus a colonização era o único meio de levar os negros ao nível dos homens civilizados. Esse clima de alienação atingiria profundamente os negros, principalmente aqueles que tiveram oportunidades de viver na pele tais realidades, perceberam a ideia que os europeus faziam deles e assumiram preconceitos criados contra eles. A Negritude nasceu justamente neste contexto. Mas devido às circunstâncias históricas em que a Negritude surgiu nos obriga a refletir profundamente sobre as mazelas da colonização e suas legitimações pelos meios discursivos em nome da superioridade étnica e cultural rigorosamente afirmada pela minoria.

Como se sabe, na sociedade colonial, além da dominação imposta pela minoria branca através dos discursos infundados para manter o controle econômico, político e espiritual em nome da raça. Os colonizadores recorrem também por meio da força, humilhando os chefes tradicionais, explorando e roubando os colonizados. As sociedades colonizadas não tinham consciência tranquila devido às barreiras criadas que protegiam e legitimavam a colonização por meio dos discursos e argumentos ditos científicos. Segundo Munanga (2012, p. 26-27), “qualquer diferença entre colonizador e colonizado durante a colonização foi interpretada em termos de superioridade e inferioridade, ou seja, tratava-se de um discurso monopolista da razão, da verdade, do ser”.

Portanto, perante esse grande complexo de inferioridade e da pressão psicológica, a única saída que restava ao negro, para Munanga (2012), era o “embranquecimento”, “a elite negra alimentava um sonho de assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para depois reclamar dele o reconhecimento”. Nesta tentativa, os negros começaram imitando os comportamentos dos europeus, vestindo e consumindo produtos europeus, os outros começaram a falar em língua estrangeira, esquecendo-se da sua língua materna. Tipos de comportamentos que ainda podemos observar em alguns lugares principalmente dos países africanos submetidos à escravidão, ainda existe grande admiração pelas línguas estrangeiras. Em diversos casos uma parcela da população alienada deixa até de falar suas línguas maternas em casa com familiares para aperfeiçoar melhor línguas dos colonizados.

Na tentativa de imitar a cultura branca, os negros foram humilhados e reduzidos em toda a parte onde houve encontro entre as culturas. A situação do negro reivindicava uma ruptura para buscar novos caminhos, compreendendo que a verdadeira solução para seus problemas consistia em não se transformar no “outro”, mas sim, em lutar para quebrar todas as barreiras sociais que não lhe permitia entrar nas categorias dos “homens”, e que lhe negava uma dignidade humana, assim, o negro começou-se a lutar para reconquistar uma dignidade autônoma, porque o esforço para alcançar o branco, lhe exigia uma total autonegação de si.

Segundo Munanga (2012, p.43), “O negro afirma-se cultural, moral, física, e psiquicamente, assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza como em qualquer outro ser humano”. Devido aos fatos históricos mencionados, vamos entender como as ideologias racistas foram construídas e utilizadas para reduzir o negro e associá-lo ao animal na tentativa de rejeitá-lo uma dignidade humana igual o homem branco.

1.2 Conceitos da raça e seus impactos na construção identitária dos negros

Como se sabe na modernidade o conceito da raça foi umas das matérias prima mais preciosa usada pelo ocidente para designar e classificar outras sociedades. Porque ele permite às sociedades europeias localizar e desqualificar moralmente as outras sociedades como humanidades inferiores.

Para Mbembe (2014), “historicamente a raça sempre foi uma forma codificada de divisão e de organização da diversidade dentro de espaços”. Ou seja, a raça é aquilo que nos permite identificar e definir que grupos da população são portadores individuais de certos traços diferenciados. Neste sentido, para o autor, “o conceito da raça tem como objetivos, marcar grupos de populações e fixar limites de maneira mais possível entre eles” (MBEMBE, p. 70-71). Por isso, acredita-se que a raça é também o meio pelo qual podemos transformar seres humanos em coisa e nos baseamos em tais transformações para decidirmos sobre seu futuro sem precisar dar qualquer tipo de justificação. Portanto pode-se afirmar que só é possível falarmos da raça numa linguagem totalmente maliciosa da diferença.

Falando da diferença, vale salientar que o pensamento ocidental sempre teve tendências de abordar a identidade não em termos *do dar e do receber*, de trocas mútuas de valores a um mesmo mundo, mas sim em termos do fechamento, ele sempre interpreta o mundo e a questão de identidade através do seu próprio espelho.

[As] consequências desta logica de fechamento, de exclusão e autoficção, dão aos negros e a raça um determinado significado nas sociedades ocidentais. [No imaginário social europeu, o negro passa a ter designações de tipos] primários, perturbadores, desequilibrados, simbolizando uma intensidade crua de ódio (MBEMBE 2014, p. 42).

Portanto, toda interpretação da raça recai fortemente sobre o negro, mas não só ele. Neste prisma é salientado que:

O conhecimento moderno constitui um ser negro que vemos quando nada se vê, e, sobretudo quando nada queremos ver e compreender. Na escala dos seres o negro sempre é visto como um ser irracional em qualquer lugar que passa. (...) Entre humanos, ninguém queria ser um negro ou tratado como tal (MBEMBE, 2014 p. 40-42).

Como sabemos entre humanos (judeu, chinês, ariano) o negro foi reduzido pela questão de aparência, de pele, em outras palavras pela sua cor. Por isso, na simbologia das

cores no mundo ocidental, o negro representa obscuridade, símbolo da morte e do pecado enquanto o branco remete à vida e à pureza. O negro não existia também como humano, ele sempre era igualado ao animal que precisava ser guiado para chegar ao nível do homem.

Retomando alguns dados históricos, sabemos que a expansão ocidental começou praticamente no século XV, conhecido como século de “grandes descobertas”, que chamaria aqui das épocas de grandes encontros. Porém foi uma era que podemos situar os primeiros contatos entre europeus e africanos, lembrando de que norte do continente africano (Líbia, Etiópia e Egito), já era conhecido pelos antigos gregos e romanos.

Segundo Munanga (2012), “a primeira notícia sobre populações negras vêm do historiador grego Heródoto a partir da sua imaginação com base na teoria dos climas, formou uma imagem do resto do continente não visitado”. Segundo tal teoria de clima, as temperaturas extremamente baixas ou altas tornam o homem bárbaro, enquanto as zonas temperadas favorecem o desenvolvimento das civilizações. Todas as descrições da época, de acordo com autor:

Mostravam os habitantes do interior do continente africano parecidos com animais selvagens. E essa teoria retornou na idade média e no renascimento, reatualizando sempre o mesmo o mito discursivo que faziam da África negra um mundo hábitos pelos seres selvagens, semi-homens (MUNANGA 2012, p. 28-29).

Partindo dessa mentalidade, compreende-se que “as teorias racistas têm suas raízes nas ideologias da escravidão presente no mundo antigo e medieval” (BASSO, Pietro apud VILLEN 2013), lembrando o fato presente em Platão e Aristóteles, em suposta diferença “de ordem natural” entre “homens socialmente desiguais”, “homens livres por natureza, e escravos por natureza” como ressalta, essa consideração é importante entendermos como foi justamente com base nesses “antigos esquemas lógicos e ideológicos”, que se legitimaram nos sistemas coloniais modernos determinados privilégios dos colonizadores europeus. Na condição de negar aos colonizados uma dignidade humana igual ao homem branco.

Por isso, vale ressaltar que a dominação da África resultou da expansão de dois imperialismos: primeiro o da procura do mercado, ou seja, aquele se apropriou das terras, dos recursos e dos homens, e o segundo, o da história, que deu lugar a um novo espaço conceitual: homem primitivo, sem história, sem referências e documentos escritos. A ocupação das terras e dos recursos, a exploração econômica, a mobilização e a divisão do

trabalho, tudo deveria ser justificado pelas potências coloniais. Desta forma, Munanga (2012) fomenta que a “primeira tentativa surge através da missão colonizadora, afirmando como dever e a responsabilidades dos europeus como raça superior, levar os negros ao nível dos outros homens”², ou seja, dos ‘civilizados’ a fim de libertá-los da condição animal que se encontra, poupando-o do longo caminho percorrido pelos europeus. Uma vez civilizados, os negros seriam incorporados às classes dos brancos. Essas ideias foram fixadas no sentido de reduzir a qualquer custo os ditos da raça inferior, por isso, duas afirmações foram fixadas firmemente na modernidade pelos europeus: a superioridade dos ditos raça branca e inferioridades dos ditos raça negra.

Com base nesse argumento de superioridade, que podemos chamar duma teoria de negação, porque ele coloca o outro na esfera dos animais, na zona do não ‘Ser’ na concepção ocidental, pode-se afirmar que o conceito da raça é umas das piores invenções humanas desde a idade media até então, porque como humanos ele não nos permite ver o que temos em comum só que nos separa.

O conceito da raça como um complexo perverso, desumano, produtor da diferença e de medo, construída pelo ato de atribuição. Meio pelo quais certas formas de existências foram produzidas, institucionalizadas e justificadas de forma pretendidas. Ele é também gerador de conflitos e de maus pensamentos, por isso “ele foi utilizado pelos europeus para manter domínio sobre outros e, constituiu-lo não como semelhante a si mesmo, mas como objeto ameaçador do qual precisa destruir”, (MBEMBE, 2014, p. 25).

Em nome da raça foram cometidas várias atrocidades para segurar e controlar determinados grupos e manter privilégios dos outros. A “raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico, ou genético” (MBEMBE, 2014, p. 27). Sendo assim, a raça não passa de uma falsa criação ideológica para desviar a atenção das lutas de classes, ou seja, para justificar o velho mito da superioridade branca como algo natural, divino. Fomentando de certa forma, o poder ocidental como país natal da verdade, da razão, da vida universal, da virtude, e da verdadeira humanidade.

Esse pensamento ocidental da vida universal, da verdade absoluta tem grandes consequências na história da humanidade em geral e da África em particular que serão

²MUNAGA, 2012 p. 27.

objeto das críticas pelo martinicano Aimè Césaire e o senegalês Léopold Sédar Senghor, como veremos abaixo no terceiro capítulo de que maneira esses pensadores do movimento da Negritude fizeram críticas profundas ao universalismo europeu sem caírem na tentação de negação do humano e outras formas de existências. Propondo ir além do universalismo europeu através da noção de *civilização do Universal*.

Contrapondo a falsa ideia da Europa como lugar mais civilizado do mundo, (lugar da luz, da verdade única, da razão), esses dois pensadores nos permitem compreender através dos seus pensamentos a farsa de que só os europeus conseguiram construir uma sociedade ‘civilizada’, entre todas as nações entendido como modelo universal de troca de valores. A farsa dos discursos ocidentais de que só eles cederam origem aos seres humanos com direitos civis e políticos que lhes permitam desenvolver seus poderes privado e público como humano. Devido a isso, ou seja, enquanto humanos entre “outros”. Preocupados com a formação de uma civilização verdadeiramente universal, ou seja, <do universal > como Senghor gostaria de chamar e o lugar do negro no mundo. Césaire e Senghor elaboram críticas crucias ao colonialismo e ao universalismo europeu como modelo único absoluto. O importante aqui é compreender como foi construído e desconstruído o conceito da raça que foi um importante instrumento na negação humana do negro e seus impactos na construção identitária dos negros.

1.3. Importância para os negros na diáspora de desapropriar e ressignificar o conceito de raça e o significado de ser negro

Como já mencionado, o conceito da raça como algo que vem de fora, sempre esteve longe daquilo que nós percebemos, porque ele é construído pelo ato de atribuição. Meio pelo qual se pode produzir e justificar de forma pretendida a humanidade do outro, devido à importância que a raça tem na produção da diferença e na atribuição pretenciosa, o “conceito da raça nos permite associar os seres vivos aos animais, ou seja, nos permite dividi-los nos quadros das espécies humanas”³.

Como é sabido, no século XIX, conforme Mbembe (2014), com “base na teoria de negação moral e política dos negros, os europeus levantaram algumas questões em relações aos negros”: “algumas perguntavam se os negros eram capazes de governar, outros pretendiam saber se os negros eram seres humanos entre outros” segundo o autor, “tais questionamentos deram lugar a três tipos de respostas, a primeira consistia em colocar a experiência humana do negro na ordem da diferença, ou seja, pretendia situar o mundo negro de uma vez por todas na humanidade dos ditos sem história”. “Por ser diferente, tal humanidade nem teria conhecido o trabalho, muito menos as leis, pois, estando na sua esfera animal”, estava livre da razão, devido a isso, o mundo negro “não podia ser igualado ao ‘outro’, uma vez derivado do objeto ligado ao perigo”. Tudo isso explica a realidade do negro no século XIX. (MBEMBE, 2014, p. 150-151-152).

Partindo deste ponto vista, podemos dizer que a divisão da humanidade sempre deu aos negros características que os fizeram diferente dos “outros” em todos os aspectos. Devido suas particularidades, sempre foi colocado na zona daquele que não tem nada que contribuir pelo bem da humanidade e pelo plano do universal, o que justifica de certa forma sua exclusão por direito entre humanos e no plano da universalidade.

³ MBEMBE, 2014 p. 78.

Por esses motivos, vale situar as circunstâncias históricas que nasce a Negritude e o Pan-africanismo, duas expressões políticas revolucionárias que apareceram nos espaços fora da África para lutar contra a dominação colonial, sustentado pelos discursos raciais. Esses movimentos fundamentavam a política de volta às origens e descolonização dos países colonizados. No caso do primeiro (Negritude), tinha como principal fundamento a política da identidade cultural de todos negros. Como já mencionado, com base no discurso racista de cientistas, durante séculos os africanos e vários povos foram considerados povos, (“sem cultura, sem histórias, primitivos, selvagens”), sujeitos a serem civilizados pelos europeus, outros até acreditavam que eram inferiores da raça branca, pegando a cultura ocidental como única e verdadeiramente correta e superior.

Após séculos de imitação cega, quando os estudantes oriundos dos países colonizados (Antilhas e África), começaram a frequentar as universidades europeias - sobretudo as de Paris e Londres – constataram que a civilização ocidental não era um modelo universal absoluto tal como era ensinado nas colônias, alguns escritores negros perceberam que entre todos os grupos étnicos na diáspora (italianos, judeus, alemães) eles são os únicos a sofrer lavagens cerebrais, esses escritores preocuparam-se em revelar verdade entre seus irmãos do mito da civilização ocidental como modelo absoluto universal, começaram um processo de mobilização cultural (MUNANGA, 2012, p. 46).

Por conseguinte, podemos dizer que o encontro entre estudantes negros de diversas procedências nos países europeus permitiram-lhes conhecer de perto as verdadeiras histórias dos povos ocidentais, ou seja, lhes fizeram compreender de forma clara as farsas que os ocidentais faziam das suas histórias. Porém entenderam que as opressões sofridas não eram apenas de uma classe menor sobre outra maior, mas ao mesmo tempo era de raça independentemente da classe. Conforme, Munanga (2012), “as duas guerras mundiais que participam os africanos, conflitos do qual, não tinham nada haver, serviram também de ponto de partida para descolonização, porque, lhe permitiram tomar conhecimento das grandes divisões em que europeus viviam, o mundo dito civilizado, percebendo que os brancos não eram homens diferentes dos outros, mas sim eram homens capazes de cometer grandes barbaridades”⁴.

Neste sentido, podemos dizer que a diáspora serve como um meio de apropriação de conhecimento, de modo que a maior parte dos líderes intelectuais africanos realiza seus estudos superiores fora do próprio continente. Ele é também um lugar importante para desconstruir, ou seja, que pode servir para refletir profundamente sobre a questão da raça e

⁴ Citações de MUNANGA 2012, pp. 48:49. Com algumas adaptações.

da identidade, podemos dizer que isso é também um dos fatos que explica porque a Negritude nasceu em diáspora enquanto um movimento da luta contra dominação cultural e racial.

A Negritude enquanto um movimento da luta contra dominação colonial racista propunha voltas às origens, mais importante que isso, protestava anomalias da supremacia branca em relação às culturas dos povos dominados. Por isso, era necessário uma autoidentificação, um reconhecimento de si.

Vale salientar que o problema da volta às origens constituía um problema maior por aqueles que faziam parte da pequena burguesia, porque entre colonizados podiam distinguir grupos que de certa forma conseguiram preservar a tradição e aqueles que alienaram-se profundamente, neste caso, o problema da voltas às origens era maior por aqueles que sonhavam de certa forma com uma vida igual a dos colonizadores. Neste sentido, percebe-se que o problema do autorreconhecimento, da identificação, começa em primeiro lugar a partir de alguns questionamentos que ao mesmo tempo reivindicam respostas. “Revelar uma identidade é um ato de reconhecer-se e torná-lo público e defini-lo a si mesmo, ou seja, o ato de identificação é igualmente uma afirmação de existência <Eu Sou> significa desde logo eu existo. Como se percebe, a palavra “eu sou” remete uma existência” (MBEMBE, 2014, p. 255).

Negro é antes de mais, uma palavra que remete qualquer coisa neste caso. Mas como cada palavra tem sua densidade própria. Existem palavras para evocar alguma coisa na consciência daquele a quem é dirigido, ou quem escuta. Quando mais densa a palavra, ele provoca sensação, sentimentos e até ressentimento a quem se destina, como se sabe, existem palavras que magoam, e as capacidades de palavras ferirem fazem do seu próprio peso. (...) <<Negro>> “é suposto Ser, ou seja, é uma falsa invenção, sobretudo um falso nome”. Como sabemos que cada nome carrega um destino, uma condição dado por alguém, uma condição particular. <<Negro>> é, portanto um nome que foi do herdado por alguém, porem, é um nome herdado pela posição que ocupa no mundo. Mas, o mais importante para aqueles que estão marcados com nome negro, é não se deixar enganar de origem desse nome, e muito menos pelo seu poder de falsificação. (...) O<<Negro >>será aquele que não pode olhar o outro frente a frente (MBEMBE, 2014, p. 255-256).

Aqui Mbembe demonstra claramente como o nome *Negro* não passa meramente de uma construção ideológica, porém não podemos nos enganar do poder da falsificação desse nome. Sabendo que ele foi construído de forma pretensiosa pelos ocidentais na tentativa de classificar e julgar certos povos e associá-los ao animal para depois justificar sua exclusão entre humanos.

Portanto, compreender o pensamento de Senghor e de Césaire dentro e fora do movimento da Negritude e o contexto histórico em que esse movimento se ergueu, leva-nos a repensar o movimento em suas outras dimensões, ou seja, nos obriga a pensar o movimento da Negritude como um movimento que está sempre em pleno movimento e transformação e ao mesmo tempo compreender como o negro animal, negro primitivo, negro feiticeiro, foram construídos e desconstruídos ao longo da história.

2. CAPÍTULO II- CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO DA NEGRITUDE

O movimento da *Negritude* é um dos movimentos mais revolucionários da luta social contra o racismo e o colonialismo no mundo contemporâneo. Podemos dizer que ele é um dos conceitos que mais deu valor às relações raciais e culturais no século XX.

Como movimento literário e político de luta contra o racismo e pela valorização de diferentes identidades culturais. Pela descolonização que é um dos seus maiores objetivos, a Negritude atingiu o seu ponto mais alto nos anos 1930, pela luta coletiva dos intelectuais negros em diáspora. Do martinicano, Aimé Césaire, do senegalês, Léopold Sédar Senghor, e do guineense Léon-Gontran Damas, considerados os três principais fundadores deste movimento.

Historicamente a primeira revolução contra o regime colonial racista aconteceu no Haiti nos meados (1791-1804), considerado como uma das respostas mais bem-sucedidas do mundo negro de caráter antirracista e a anti-imperialista, dando dura resposta às políticas das desigualdades ditas inatas entre as raças humanas. Por um lado a superioridade divina dos brancos, por outro a inferioridade dos negros como algo natural. Para Césaire “Haiti foi um país em que Negritude se ergueu pela primeira vez”⁵

Como sabemos, o movimento da Negritude nasceu fora da África, ele surgiu segundo Domingues (2005), “provavelmente nos Estados Unidos, perpassando pelas Antilhas, seguindo para Europa onde foi sistematizado e depois expandido para mundo todo” (África e Américas). Depois de séculos de reprodução da cultura ocidental, alguns escritores negros perceberam que era necessário rejeitar os valores culturais ocidentais como a forma de sair e ao mesmo tempo de libertar seus irmãos da profunda condição de inferioridade que eram colocados durante séculos de colonização. Preocupados com revelar a farsa que os europeus faziam dos negros, esses escritores começaram a realizar mobilizações políticas e culturais para desmistificar o profundo complexo de inferioridade estabelecida durante séculos. Entre esses escritores os mais conhecidos são: Dr. Du Bois e Langston Hughes.

⁵ Para saber a respeito da revolta do Haiti, ver. MOORE, C. (org.), “Negro sou negro ficarei”, 2010.

O afro-americano W. E. B. Du Bois (1868-1969), considerado pai do pan-africanismo, movimento político-cultural que lutava pelas independências dos países africanos e pela construção da unidade africana. Como um dos primeiros pan-africanistas, ele adaptava radicalmente o discurso de orgulho racial e de voltas às origens. Du Bois é também considerado simbolicamente o pai do movimento de tomada de consciência de ser negro, embora o termo Negritude tivesse surgido depois.

Domingues (2005) salienta que Du Bois exerceu forte influência sobre escritores negros dos Estados Unidos da América, seu livro *Almas negras* tornou-se uma das principais fontes de inspirações dos intelectuais do Renascimento, um movimento artístico literário surgido nos EUA, num bairro de Nova Iorque por volta de 1920, denominado *New Negro* (ou Negro Renaissance), cuja proposta política-cultural era de acabar com o preconceito contra os negros. Propondo a valorização dos negros e das suas obras. Entre autores deste movimento, os mais destacados foram *Langston Hughes*, *Cloude Mackay* e *Richard Wright*, todos esses autores contribuíram muito na resistência anticolonial e na conscientização dos povos negros.

Já em Paris, no período entre guerras, época que vai do final da Primeira Guerra Mundial até no começo da Segunda Guerra Mundial, ou seja, entre 1918 a 1939. Períodos marcados historicamente por vários acontecimentos mundiais de grande importância para compreender os acontecimentos do mundo nos anos seguintes. Entre os acontecimentos que marcaram essas épocas limitemo-nos apenas a três, entendidos como os mais conhecidos por realçar a importância desses grandes momentos da história mundial: o primeiro sendo o Tratado de Versalhes 1919, que impunha várias sanções e restrições à Alemanha, tais como a perda das colônias do continente africano, a entrega da região da Alsácia/Lorena à França, redução do exército alemão; o segundo em 1922 onde ocorre uma marcha sobre Roma e os fascistas assumem o poder e o terceiro a crise econômica de 1929, que ocorre com a quebra da bolsa de valores em Nova Iorque, gerando uma crise mundial.

Entre essas épocas, em junho de 1932 grupos de estudantes negros publicam uma revista com o nome de *Ligitime Défense* (legítima defesa). Nessa revista denunciavam a opressão racial e política da dominação colonial e defendia que os intelectuais negros deviriam assumir sua origem e sua cor.

Em 1934, em Paris, com a morte da primeira revista, os estudantes negros de diferentes países e continentes (África e América), lançam a revista *L'étudiant Noir*, (estudante negro), realçando a mesma bandeira. Contrapondo-se à política de assimilação cultural das potências européias. Recusando a imitação da cultura ocidental, apontando como meios de libertação à volta às raízes africanas, ou seja, o reconhecimento do passado ancestral. A fundação da revista (estudantes negros) teve grande importância na expansão do movimento. Pois, pelo método da publicação dos artigos e poemas, esse grupo conseguiu transmitir uma imagem positiva da civilização africana.

No início o grupo tinha como principais personalidades, considerados hoje como fundadores do movimento, o senegalês L. S. Senghor, o guineense Leon Damas, e o martinicano Aimé Césaire, considerado criador da palavra **Negritude**. Birago Diop, Aristide Maugée, entre outros.

Segundo Domingues (2005), o “termo *négritude* em francês deriva de *négre*, termo que no começo do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado na época para desqualificar o negro em contraposição a *noir*, outra denominação do negro no sentido respeitoso”. Domingues salienta que “a intenção do movimento era justamente de inverter o sentido da palavra *négritude* ao polo oposto, dando-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial”. Com isso, podemos ver como esses pensadores se apropriaram da língua dos colonizadores que era um dos instrumentos importantes da colonização, para aplicá-los contra eles mesmos. Devido a isso, segundo Domingues, Césaire dizia que “o movimento da Negritude representa uma revolução na língua e na literatura francesa”⁶. O termo *Negritude* surgiu pela primeira vez em 1939 no poema *Cahier d'un Retour au Pays Natal* ("Caderno de um regresso ao país natal"), escrito por Césaire.

Nos primeiros momentos, o movimento da Negritude tinha um caráter mais cultural do que político. Sua proposta inicial consistia em recusar a política de assimilação cultural branca, considerada como modelo universal. Para rejeitar tal processo de alienação, os autores do movimento da Negritude começaram a realçar os valores e símbolos culturais africanos, dando-lhe cada vez mais imagens positivas no plano universal. Em outro contexto, o movimento tinha outros objetivos além da luta cultural, que era um dos seus principais objetivos no começo.

⁶ DOMINGUES (2005, p.4)

O movimento da Negritude como instrumento de libertação política, ou seja, como movimento político na sua fase inicial segundo Domingues (2005) “recebeu as influências ideológicas do marxismo”. Assim sendo, podemos dizer que o marxismo constitui uma ferramenta teórica fundamental para a construção de uma consciência negra crítica e autônoma. Como sabemos, alguns poetas negros como o próprio Césaire, Laugston Hughes e Richard Wrigh eram membros do partido comunista.

No entanto, vale realçar que dentro do próprio movimento os autores tinham concepções diferentes do que era a Negritude na medida em que o movimento se ampliava. Cada vez mais se inseria socialmente e crescia seu poder de mobilização. Houve convergências do papel do marxismo. Segundo Domingues (2005), de um lado “um grupo minoritário passou a associar Negritude a todos oprimidos da terra, independente da cor da pele e outro grupo majoritário defendiam que o movimento pretendia exclusivamente a consciência racial, sem vínculo com a luta dos demais oprimidos do sistema capitalista” (DOMINGUES, p. 7, 2005). Talvez por isso ao longo tempo os objetivos do movimento ampliaram-se além da reconstrução de uma personalidade negra, pois seus defensores passaram a lutar contra o colonialismo e pela emancipação de todos oprimidos.

Partindo deste ponto pode-se dizer que o mais importante para os autores do movimento da Negritude após Segunda Guerra Mundial era colocar a ideologia da Negritude para libertação das colônias africanas dos jogos políticos dos europeus. Desse modo, o movimento da Negritude repudiava radicalmente o imperialismo e o racismo que sustentava a ideologia colonialista. Segundo Domingues (2005), depois das conquistas das independências dos países colonizados, o movimento da Negritude tornou-se o principal instrumento ideológico dos projetos políticos de diversos países africanos. Alguns membros do movimento tornaram-se dirigentes dos seus países, como no caso do senegalês Léopold Sédar Senghor e do martinicano Aimé Césaire. Enfim, levando em conta a importância de todos os aspectos do movimento da Negritude que abordamos, buscaremos então compreender quais são seus objetivos específicos e sua importância na construção da identidade negra.

2.1. Objetivos do movimento da Negritude e sua importância na construção identitária do negro.

O movimento da negritude tinha vários objetivos, não apenas no âmbito cultural e política, ou seja, para a reconstrução de uma identidade negra ou para a libertação dos países colonizados. O propósito do movimento da Negritude vai muito além desses aspectos, pelo menos como podemos ver através do pensamento de Léopold Sédar Senghor e do Césaire, que era de pensar um mundo verdadeiramente universal, um mundo menos injusto de troca mútua de valores, *do dar e do receber* que Senghor chamou de *civilização do universal*. Caberia a todos humanos porque seria composta pela contribuição de toda humanidade, onde nenhuma particularidade seria obrigada a transformar-se no geral, mas onde o geral receberia contribuições de todas as particularidades para sua composição.

De certa forma, além de pensar um mundo verdadeiramente universal, como sugere esses dois pensadores (Senghor e Césaire), não podemos deixar de lado um dos primeiros objetivos do movimento da Negritude, que consistia numa luta justa para encontrar o lugar da cultura negra no plano universal e para a desconstrução do “Negro” imaginário criado durante séculos de escravidão, sem sua participação. Que faz dele um ser animal, sem história, sem cultura e sem nenhuma capacidade produtiva para dar contribuição para o bem da humanidade.

De certo modo digamos que um dos principais desafios dos autores do movimento da Negritude era de fazer profundas reflexões sobre a condição do homem negro no mundo e suas relações com o colonizador e com os outros homens.

Portanto, compreende-se que entre todos os questionamentos e objetivos que citamos, suas afirmações implicam a reivindicação de uma identidade cultural e ao mesmo tempo sua reparação pelos próprios negros. Podemos dizer em todo caso que os pensadores do movimento da Negritude pretendiam no começo retribuir a África, o orgulho do seu passado. Por isso condenavam e deixavam claramente que era necessário rejeitar a assimilação cultural dos colonizadores que reprimiam os colonizados. Mesmo afirmando uma identidade cultural negra, propunham a valorização de diversas identidades culturais, ao mesmo tempo repudiavam o ódio, estando cientes de que o mundo é composto por diversidades. Podemos dizer hoje que esses elementos são fundamentais para entender a Negritude como o movimento, na medida em que abre outras possibilidades de pensar o

mundo através de diferentes olhares, que na maioria dos casos é mediada pela cultura. Como sabemos as relações do homem com o mundo é sempre construída e mediada pela cultura, pois o homem aprende interpretar o mundo e a realidade de acordo com instrumentos oferecidos pela sua cultura. A cultura constrói um elemento importante na nossa forma de pensar e de ver o mundo.

Devido a isso, podemos compreender como era importante para esses escritores fazer uma política voltada à valorização do passado corrompido durante séculos da escravidão na perspectiva de desconstruir as histórias feitas sobre eles sem suas participações, fazendo deles objetos não sujeitos das suas próprias histórias. Por isso entende-se que refazer uma história centrada na valorização do passado fazia muito sentido, porque de certo modo vai permitir que o homem negro refaça suas histórias tornando-se sujeito e não objeto de sua história. Por isso, recusar a assimilação cultural branca e valorizar a cultura negra era um dos principais objetivos da negritude na sua fase inicial.

3. CAPÍTULO III - CULTURA, NEGRITUDE E CIVILIZAÇÃO DO UNIVERSAL: PARA ALÉM DO UNIVERSALISMO EUROPEU

A cultura não pode ser definida como algo imutável e presa no tempo, porque suas formas e dimensões se alteram conforme seu local. Suas bases ideológicas que a guiam pelo caminho a percorrerão. As culturas são múltiplas e diversas não existe apenas um modelo de cultura, ou um modelo universal do que se deve considerar como cultura, seus conceitos se convergem e divergem entre si. Somente poderá ser produzida a partir de seu espaço social e às formas materiais envolvidas em suas concepções.

Antes de definir a Negritude segundo Benjamim (2002) Léopold Sédar Senghor “demonstra que toda e qualquer sociedade tem sua civilização mais ou menos rica e original segundo a sua personalidade. Esta civilização escreve-se ele, é construída por uma soma de respostas perante os enigmas da natureza, de diligências perante as exigências da energia humana, alicerçada numa metafísica, numa ontologia, e num espírito que é a sua cultura e abrangem os costumes, as ciências e técnicas, as artes e as letras. É filha da raça, da geografia, da história que explicam as maneiras de sentir, de pensar e de agir, de falar de cada grupo humano. Para Senghor, Negritude são conjuntos dos valores de civilização do mundo negro, tais, como se expressam na vida e nas suas obras”. (Bull Pinto Benjamim 2002).

Dizia Senghor, em termos da contribuição na dança, na música, no ritmo etc. Nenhum povo é detentor único desses valores. Se for marginalizada, desprezada e até odiada, a *Negritude* por sua parte não quis ficar isolada das outras civilizações, e nem quis ignorá-las. A vontade dos escritores e artistas negros era de estar com outros em simbiose, e de mangas arregaçadas para construção de um autêntico humanismo. De um mundo de troca mútua de valores: “do dar e receber”, o que Senghor chamou da “civilização do universal” porque seria formado pelo contributo de todos os povos da terra.

A partir daí, podemos frisar que a luta cultural que a Negritude propunha tinha outras dimensões, a luta política para a construção de uma verdadeira humanidade. A Negritude era uma arma de combate para a descolonização como já foi citado. Através de poemas e discursos políticos esses escritores abriram diálogos fecundantes às culturas de todos os povos. Segundo Benjamim (2002), dizia Senghor ‘para admitir as culturas negras no banquete do universal, era a condição da nossa participação à eficácia de novo humanismo’.

A cultura como herança coletiva de uma sociedade, transmitido de geração para geração, sua profunda compressão permite os determinados grupos segurar as suas vidas cotidianas, instituições que coordenam as atividades dos membros do grupo e representações coletivas que constituem uma concepção do mundo, uma moral, uma arte, para cada membro sociedade, através do processo educativo. Mas como ele é um algo sempre em movimento, reivindica novas direções e interpretações, conforme seu desenvolvimento no decorrer do tempo em cada sociedade. Por isso, quando se fala das identidades culturais, nem sempre parece estar claro: porque ela está sempre interligada e ao mesmo tempo diferenciada uma da outra, devido às suas pluralidades e singularidades, ao mesmo tempo as suas transformações durante o tempo.

As identidades culturais são elementos que identificam uma determinada comunidade e povo de uma região, diferenciados umas das outras comunidades, através dos símbolos e significados construídos ao longo do tempo que tem sentido dum certo modo a essas sociedades, e pode ser entendido através do conhecimento da história de cada povo.

Os componentes essenciais na construção de uma identidade cultural coletiva são os três fatores, (*o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico*): a identidade cultural perfeita corresponderia à presença simultânea desses três componentes no grupo ou no indivíduo”, nestes fatores, “o fator *histórico* parece o mais importante, na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade”. Segundo ele, o essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança mais certo e mais sólido para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações. Também é a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das técnicas utilizadas durante a colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados. (MUNANGA 2012 p.12).

A partir dessa citação compreende-se quando se fala das raízes culturais, o entendimento do passado histórico que tem uma grande importância para compreendê-lo e reconstruí-lo, de modo que para reconstruir uma identidade é preciso primeiramente conhecer como era antes no início de sua construção. Assim podemos estabelecer parâmetros para definir em que aspectos e graus foram transformados.

Portanto, acredita-se que quando as pessoas têm conhecimentos das suas próprias raízes, conscientemente sabem da relevância das mesmas para suas vidas, com isso passarão a valorizar esses conhecimentos e transmiti-los para as gerações presentes e futuras, na perspectiva de evitar que sejam esquecidas ou adormecidas. Acredito ter

explicado a importância do reconhecimento cultural para os negros e os valores que a história tem para a compressão da cultura, ou seja, demonstrar as importâncias do entendimento do passado para uma sociedade. Lembrando que hoje se fala tanto que o pensamento dos africanos depende do passado, na medida em que para compreender o contexto (cultural) africano é preciso recorrer ao seu passado. Pois, entendemos que é impossível dizer que a nossa história não se vive dum passado. Mas seria mais sério e ideal, por aqueles que ainda levantam essas perguntas, interrogar se as histórias das humanidades dependem de um passado? A Negritude propunha *voltas às origens*, tendo consciência de que durante séculos da colonização as histórias dos povos negros não só sofreram alterações, mas foram reconduzidas através dos discursos elaborados, ditos “científicos”, portanto, a construção da nossa identidade cultural, como afirma SUSIE BARRETO DA SILVA, (2010) “só tem sentido quando conhecemos nossas raízes, de onde viemos, quem somos e como somos. É preciso conhecer o início de tudo para entendermos as mudanças culturais que ocorrem no presente e que ocorrerão no futuro”. Mas compreender a Negritude enquanto um conceito em constante *vir-a-ser*, ela não se fecha minimamente às dimensões de um passado histórico, mesmo propondo reconhecimento do passado. Por isso, repensar Senghor e Césaire no movimento da Negritude, ainda abre caminhos, se não o único, para alcançar a verdadeira ideia do universal.

3.1. Conceito de Civilização do Universal

Como já mencionado, os protagonistas do movimento tinham diferentes concepções da Negritude às vezes próximas. No caso de Césaire, Negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente da sua identidade, da sua cultura, e da sua história. No qual ele definiu em três aspectos: **Identidade, Fidelidade, Solidariedade**.

A **identidade** consiste em se orgulhar da sua condição racial. A **fidelidade** consiste em relação com a terra mãe e suas heranças ancestrais. A **solidariedade** é sentimento que uni todos os irmãos da cor negra no mundo.

Para Senghor, existe uma “alma negra” correspondente à estrutura psicológica africana, que teria uma natureza fundada na emoção em relação à racionalidade branca. “*A razão é helênica e a emoção é africana*”, uma das mais conhecidas frases do Senghor. Sendo conceito da Negritude senghoriana que trata de uma linguagem essencialista, onde os valores que constituíam privilégios dos negros se assentariam na vida, na emoção e no amor. Atributos considerados menos favoráveis para definir o negro para os críticos da Negritude, e dos brancos seriam fundamentalmente materialistas. Perigo dessa concepção, segundo esses autores, sustenta argumentos racistas segundo o qual a raça negra é incapaz de atingir certos níveis de inteligência e de promover autonomamente os desenvolvimentos das suas nações. Questões levantadas pelos europeus no período colonial, como podemos ver no primeiro capítulo.

Para alguns críticos da Negritude, não fazia nenhum sentido definir o negro como emoção. Para Cheikh Anta Diop e Marcien Towa:

Se o negro na civilização egípcia, da qual é mestre, inventou matemática, geometria, metalurgia, não tem como defini-lo por via “emoção”, (...), “a ciência e a racionalidade não são exclusividade do branco”. Os negros como todas as raças, contribuíram continuamente para o seu desenvolvimento. (DIOP, apud, MUNANGA, p. 75-77).

Para outro crítico da negritude, Marcien Towa:

Autor de *Léopold Sedar Senghor: Negritude ou servitude* (1971), Towa, critica a tese definida por Senghor, considerando a Negritude senghoriana “uma teoria rigorosamente racista, pelo fato de considerar a cultura como uma consequência do patrimônio hereditário de uma raça, de uma dada população” [...] “esses especulações do Senghor, tem resultados políticos consideráveis: porque aumenta a audiência do autor nos meio capitalistas ocidentais”. (TOWA, apud, MUNANGA, p. 75-77).

De certa forma não podemos negar a linguagem essencialista da Negritude senghoriana a partir dessa leitura. No entanto, como sugere a leitura de Senghor feita por Souleymane Bachir Diagne no texto "*a negritude como movimento e como devir*", é preciso retomar o pensador da civilização do universal a partir de outra perspectiva, que considere a Negritude em termos de movimento e de essência, o que torna possível sua desessencialização. Assim o propósito deste trabalho pretende-se abordar outras dimensões do Senghor dentro do movimento da Negritude. Trata-se de repensar o próprio apelo lançado pelo Senghor, *do dar e do receber*, que abri caminho para uma nova revolução, ou seja, para a construção de uma humanidade verdadeiramente Universal, a mais humana, que substituirá o universalismo europeu caracterizado até então como a única Universal, fazendo assim da Negritude senghoriana outras leituras que não aquelas difundidas. Que encontra nele o essencialismo, que trata das críticas do martinicano Aimé Césaire e do senegalês Leopold Sédar Senghor. A ideia do universalismo europeu como modelo único da verdade absoluta. De maneira que parece que suas críticas a respeito da ideia do Universal andavam juntas, pois, as visões políticas dos dois, não consistiam em uma divisão do mundo, mas na afirmação da sua pluralidade. Demonstrando que o mundo não se limita á Europa e nem ela é o mundo todo, mas apenas uma parte do mundo.

Para Senghor e Césaire, afirmar que o mundo é plural é ao mesmo reivindicar e demonstrar que ele não se reduz a uma identidade. Logo, se ele não se reduz a uma identidade, implica que o universal é um lugar de multidiversidade, simultaneidade. Assim sendo, ele é justamente o lugar da multiplicidade e da singularidade em que cada diferença permanece sempre naquilo que é, ou seja, naquilo que os uni e os separa dos outros, onde nem mais e nem menos se transforma no outro.

Em todo caso, Césaire e Senghor, como dois conhecedores da diferença, tinham uma consciência ampla de que pensar o universal a partir de si, ou seja, do fechamento das suas próprias categorias tinha suas consequências, por isso, cientes de que o universal e o conjunto das particularidades, preocupados com o mundo e a ideia do universal, verdadeiramente universal, não reivindicavam a separação do mundo e muito menos seu pertencimento a uma única singularidade, ou a uma característica particular. Dessa forma, eles entendiam que pensar abertamente o mundo é a única possibilidade da formação de uma humanidade com todos os seus princípios. Portanto, o importante aqui é compreender

o universal como movimento em constantes transformações para alcançar um novo humanismo.

3.2. Universal como movimento: para além do universalismo europeu

Léopold Sédar Senghor foi um político e escritor senegalês que nasceu em nove de outubro de 1906, em Senegal, e morreu em 2001. Filho de uma família privilegiada, o pai era um rico comerciante de uma nobre descendência. A mãe é de família peul, povo de pastores nômades. Senghor passou sua infância em Joel, aldeia onde nasceu e começou seus estudos numa escola católica. Quando completou seus estudos secundários foi para Paris por meio de uma bolsa de estudos para realizar o ensino superior.

Por outro lado, Aimé Fernand David Césaire, mais conhecido por Aimé Césaire, poeta, político e dramaturgo, nasceu na Martinica, uma pequena ilha do Caribe, em junho de 1913 e morreu em 2008. Filho de um pequeno funcionário e de uma costureira, com dezoito anos chegou a Paris para realizar seus estudos superiores, onde conheceu o L. S. Senghor, estudante senegalês. O encontrou entre os dois mudou definitivamente suas vidas e a compreensão do mundo, principalmente do martinicano Césaire. Partilhando suas histórias. Senghor despertará de uma forma profunda suas raízes africanas e o passado de seus ancestrais do continente.

Num diálogo, segundo Carlos Morre (2010), os dois falaram sobre a necessidade de reconhecer os valores específicos desenvolvidos pelos povos de pele preta. Senghor falava em recuperação de uma identidade negada e de um passado africano marcado ora pela glória, ora pelo trágico. Recuperar o passado negro era a única forma daqueles que foram marcados pela escravidão racial de se encontrarem ontologicamente, munido desse novo sentimento de orgulho, não somente pelo conhecimento e reconhecimento das contribuições dos antepassados, mas também pela aceitação da cor e dos traços fenotípicos diferenciais que o identificavam como negro.

Para demonstrar ao mundo em geral e ao povo negro em particular as farsas do colonialismo e a exploração do homem negro pelo branco, Césaire e Senghor partiram para uma ação política conjunta contra o colonialismo europeu.

Ao longo das suas vidas os dois lutaram com toda energia e inteligência. Através de armas como a poesia e a política contra o colonialismo, a favor dos direitos de todos os homens no mundo, principalmente pela afirmação da pluralidade do mundo, ou seja, das civilizações. Ambos tinham pensamentos brilhantes na afirmação da existência de mundos,

e estavam convencidos de que o homem, onde quer que esteja, têm seus direitos. Prova desse pensamento é a preocupação dos dois com a humanidade e o lugar do homem negro no mundo. Hoje os pensamentos de ambos nos colocam em difíceis questionamentos, que profundamente ainda precisam de respostas, Desde 'a questão do colonialismo, da raça e do racismo, problemas que ainda precisam ser repensados e debatidos abertamente por todos os seres humanos, devido ao legado que deixo entre todos.

Como escritores de uma tradição crítica intelectual, a Modernidade, Césaire e Senghor tinham como ponto em comum das suas lutas políticas, o problema da raça e a ideia do universal. Podemos dizer que a preocupação de Senghor e de Césaire andavam no mesmo caminho até certo ponto, ou seja, tinham muitos pontos em comum, na medida em que os dois se preocupavam com o homem negro e o seu lugar no mundo, e ao mesmo tempo, o pensamento de ambos não evocava a separação do mundo, mas sim, a afirmação da sua pluralidade e da necessidade de afirmar que o mundo é plural. Por isso os dois afirmavam que a Europa não é todo o mundo, mas apenas uma pequena parte mundo.

Por isso, segundo Mbembe (2014), Césaire 'entendia que a tendência de uma civilização eminente abusar do seu prestígio para provocar um vazio a sua volta, ao reduzir abusivamente a noção do universal às suas próprias dimensões, ou seja, em outras palavras, pensar universal através das suas categorias próprias, sem levar em conta outras dimensões, tem suas próprias consequências, que são: "retirar o homem do humano e isola-lo definitivamente" (MBEMBE, 2014, p.263). Por conseguinte, afirmar e reafirmar que o mundo não se limita à Europa, ou seja, que não é uma só civilização, ajudará de certa forma a reabilitar a ideia de que o mundo não pertence à Europa ou para desmistificar a crença de que o modelo ocidental é o único modelo para o caminho do progresso humano.

Portanto, pode-se afirmar que Césaire e Senghor tinham também grandes proximidades. Ambos recusaram as visões generalizadas do universal. Por isso, ambos afirmavam que o universal sempre parte do singular.

O universal é precisamente o lugar das multiplicidades e de singularidades em que cada uma é apenas aquilo é, ou seja, onde cada um permanece naquilo que o liga e o separa dos outros (Césaire apud MBEMBE, 2014, p. 266).

Não existe universal absoluto, só existe universal enquanto comunidade de singularidade e de diferença, que nos une e nos separa simultaneamente. Sendo assim, a preocupação de Senghor e de Césaire com o homem negro e o mundo tinham outras

dimensões, porque, além de reclamar o seu lugar no plano do universal, abria a possibilidade para a formação de uma verdadeira comunidade do universal, onde caberá toda a pluralidade e a singularidade.

Por isso, o pensador camaronês Achille Mbembe (2014) salienta que, perante a atual situação em que o mundo se encontra.

Nesta época infinita de guerras e varias expressões do regresso do colonialismo uma critica como este ainda faz muito sentindo e torna-se indispensável nas condições contemporâneas, tanto nas questões de cidadania, presença de estrangeiros e de minorias entre nós figuras não europeias do devir humano, como nos conflitos dos monoteísmos, e também na globalização (MBEMBE, 2014, p. 265).

Devido a isso, entende-se que na atualidade, ou seja, em pleno século XXI, com infinitas ameaças de uma possível terceira guerra mundial, devido ao aparecimento das novas potências mundiais e as ideologias políticas dos líderes do mundo. Alguns países da Europa e os Estados Unidos, que defendem os direitos humanos e promovem a dita democracia, legitimando intervenções militares em outros países e continentes (como no caso do Iraque em 2003 e da Líbia em 2011), a fim de seus interesses econômicos. Por meio de novos discursos, onde pressupõem que a sua civilização é sempre melhor que as outras porque se baseiam nas verdades e valores universais. São situações que na atualidade podem provocar grandes embates entre as potências. Por isso, não existe nada melhor que pensar um mundo onde caberão todos os valores, como apela Senghor pela *civilização do Universal*.

Em todo caso as trajetórias acadêmicas políticas de A. Césaire e do L. S. Senghor foram muito importantes para a compressão do sistema colonial e para a consolidação do movimento da Negritude e dos pensamentos que eles sustentaram dentro e fora do movimento. Suas críticas, principalmente a de Césaire, foram inseparáveis da crítica ao colonialismo.

Para Césaire:

A colonização na sua fase inicial, não era nem evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras das doenças, nem propagação de Deus, nem extensão do direito, mas sim é uma equação desonesta, é filha do apetite, da avidez e da força, as mentiras, os tratados violados, as expedições punitivas, o veneno instalado na veia da Europa, a selvageria, tudo aquilo que faz o colonizador descivilizar-se embrutecer, o que faz despertar os recônditos instintos, a cobiça, a violência, o ódio racial e o relativismo moral' ao dizer isso, segundo Mbembe, Césaire queria nos dizer que “ninguém coloniza inocentemente, ninguém coloniza

impunemente, uma nação que coloniza, uma civilização que justifica a colonização é, portanto uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida” (CÉSAIRE, apud, MBEMBE, 2014, p.265).

Por fim, na atualidade, tendo em conta as situações em que o mundo se encontra. Repensar Césaire e Senghor, implica continuar hoje em dia a perseguir sinais que indicam o regresso do colonialismo e suas reproduções na atualidade, por isso, não existe nada melhor na atualidade do que buscar alcançar um mundo de trocas bilaterais dos valores de *Dar e Do Receber*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo primordial deste trabalho foi de trazer contribuições do movimento da Negritude para a desconstrução do universalismo europeu a partir das leituras de L. S. Senghor e de Aimé Césaire, dois grandes pensadores desse movimento, e, ao mesmo tempo, elaborar uma crítica ao universalismo europeu de uma perspectiva não imobilista.

Para cumprir este objetivo, realizou-se no primeiro momento uma pequena abordagem contextual da colonização e dos discursos eurocêntricos racistas que os legitimaram, apontando seus impactos na construção identitária dos Negros e nas visões negativas que hoje se tem da África. Nas análises feitas no primeiro capítulo, conclui-se que a colonização e os discursos universalistas europeus têm contribuído muito para a formação das imagens negativas dos Negros em geral e da África em particular. Visto que os discursos utilizados para legitimar a colonização sempre associou o negro ao animal, ou seja, a algo que precisa ser guiado para chegar ao nível do homem e a África como um lugar habitado por monstros, onde não há cultura, civilização e muito menos progresso. Argumentos que após séculos de escravidão ainda permanecem vivos, mas que podemos superar sabendo diferenciar a história colonial da história da África, entendendo profundamente como surgiu o nome Negro e como o conceito de raça foi construído em nome do ser sem a sua presença negra, que recai fortemente sobre o mesmo e sempre foi usado contra para negar a dignidade humana, igual ao homem branco.

Em relação ao segundo momento do trabalho. Fala-se do surgimento do movimento da Negritude, dos seus objetivos e das suas importâncias para a formação da identidade negra. Verificamos que o movimento foi muito importante não só na autoafirmação da identidade cultural do negro e na afirmação do orgulho racial, mas para a descolonização dos países colonizados e para a desmistificação dos discursos ocidentais racistas que faziam do negro um ser animal, primitivo, sem história. Restituindo ao negro o orgulho do seu passado. Ao mesmo tempo para construção de uma civilização verdadeiramente universal, de troca mútua de valores do *dar e do receber*, que seria formada pela contribuição de toda humanidade.

Na última etapa do trabalho, que consta no terceiro capítulo, chegou-se à conclusão de que Léopold Sedar Senghor e Aimé Césaire abriram debates fecundantes sobre a cultura

e a ideia do universal que ainda precisam ser repensados, de maneira que possamos ver através da *civilização do universal* e das suas críticas ao universalismo: bem como a possibilidade de abertura de mundo, de modo que ambos não proclamaram a separação do mundo, muito menos o seu pertencimento a uma só singularidade. Entendendo que interpretar o mundo através do seu próprio espelho, ou seja, produzir o mundo do outro sem a condição mínima de diálogo tinham suas próprias consequências. De maneira que a produção se desse a partir de um lugar, dialogando com outro.

Afirmar a pluralidade do mundo, e que o mesmo não se reduz a uma identidade. Há uma forma de existência que é uma necessidade, e é o único caminho para se alcançar o verdadeiramente universal, que poderá ultrapassar o universalismo europeu e todas as outras formas de fechamento cosmopolítico em uma identidade única, fixa e imóvel.

Apesar das dificuldades para encontrar textos desses dois autores que atrapalhou de certa forma o desenvolvimento deste trabalho, acredito ter trazido através de outras leituras elementos importantes para a construção dessa proposta. Por fim, tendo em conta a situação que o mundo se encontra, repensar Césaire e Senghor implica perseguir sinais que indicam o regresso do colonialismo e suas reproduções na contemporaneidade. Como podemos ver nos novos discursos que as grandes potências mundiais utilizam para justificar suas atuações em outros países. Como se pode observar nos fundamentos que legitimaram a invasão dos Estados Unidos no Iraque e na Líbia.

5. REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. S. **A África por ela mesma: a preceptiva Africana na historia Geral da África** (UNESCO). São Paulo, 2012. Tese de Doutorado.
- BULL, Benjamim, Pinto. **Negritude e lusofonia**. Edições Universitárias Lusófonas, 2002.
- DOMINGUES, P. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica**. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.
- HAMPATÊ-BA, A. **Aspects de la Civilization Africaine**. Paris, ed. Présence Africaine, 1972. (Tradução de Daniela Moreau, revista THOT n. 64, 1997).
- KI-ZERBO, J. **Historia Geral da África I: Metodologia E Pré-história da África**. 3. Ed.- São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. -(Coleção história geral da África).
- MBEMBE, A. **A Crítica da Razão Negra**. 1ª ed. Outubro de 2014. (Tradução de Marta Lança).
- MOORE, C. (org.). **A Negritude Segundo Aimé Césaire**. Ed. Nandyala, 2010.
- MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. 3ª ed.- 1. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Cultura Negra e identidades).
- SILVA, S. B. **A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo**. 2010. <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-.htm>.
- VILLEN, P. **Amílcar Cabral e a Critica ao Colonialismo**. 1ª ed.- São Paulo, Expresso popular, 2013.